



DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

Marcia Maurilio Souza¹

RESUMO

Neste artigo apresentamos algumas estratégias de ensino-aprendizagem para alunos com deficiência múltipla, dando ênfase na mediação, na aquisição da linguagem, no ato de brincar, na Tecnologia Assistiva e nos recursos pedagógicos como principais estratégias utilizadas no contexto escolar.

Palavras-chave: Deficiência Múltipla. Estratégias Pedagógicas. Educação Escolar.

ABSTRACT

In this article we present some strategies of teaching-learning to students with multiple deficiency, emphasizing in mediation, in acquiring language, in the act of play, in Assistive Technology and in the pedagogical resources as the main strategies to be used in the school context.

Keywords: Multiple Deficiency. Pedagogical Strategies. School Education.

1 INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo estratégias de ensino-aprendizagem para alunos com deficiência múltipla no contexto da educação escolar, dando ênfase àqueles que apresentam deficiência sensorial (auditiva ou visual) associada a outras. Nesse sentido, evidenciamos as definições de deficiência múltipla e deficiência múltipla sensorial, damos especial atenção à mediação para a aquisição e para o desenvolvimento da linguagem e o ato de brincar. Trouxemos a Tecnologia Assistiva e os recursos pedagógicos como importantes estratégias utilizadas no dia a dia das pessoas com deficiência múltipla e, principalmente, para o desenvolvimento das atividades no contexto escolar.

¹ Consultora do MEC/Unesco, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.



Segundo o Ministério da Educação, a deficiência múltipla é a associação de duas ou mais deficiências:

É uma condição heterogênea que identifica diferentes grupos de pessoas, revelando associações diversas de deficiências que afetam, mais ou menos intensamente, o funcionamento individual e o relacionamento social. No entanto, não é o somatório dessas alterações que caracterizam a múltipla deficiência, mas sim o nível de desenvolvimento, as possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas. (BRASIL, 2006, p. 11).

Devemos ressaltar que essa condição tem em si complicadores, por não se tratar da simples somatória ou de associação de duas ou mais deficiências, mas sim do efeito multiplicador que essas deficiências causam a essas pessoas, trazendo problemas no processo de desenvolvimento e na sua inclusão social (NUNES, 2001, 2005). Nossa experiência profissional e nossas pesquisas estão relacionadas às pessoas com deficiência múltipla sensorial, que são aquelas que apresentam uma deficiência sensorial, auditiva ou visual, associada à deficiência física e/ou intelectual.

Deve-se lembrar que quando uma pessoa apresenta a associação da deficiência auditiva e visual, trata-se de um indivíduo com surdocegueira. Logo, podemos também ter na deficiência múltipla, uma pessoa com surdocegueira e deficiência física e/ou intelectual associada. Podemos, ainda, considerar que uma pessoa com deficiência múltipla sensorial pode apresentar a deficiência visual ou a auditiva associada a outras condições de comportamento, como emocional e dificuldades de aprendizagem. (BRASIL, 2006)

As pessoas nessa condição possuem funcionamento, aprendizagem e desenvolvimento singulares, pois quase sempre apresentam outros sistemas além dos visuais e auditivos prejudicados, “como os sistemas tátil (toque), vestibular (equilíbrio), proprioceptivo (posição corporal), olfativo (aromas e odores) ou gustativo (sabor). Limitações em uma dessas áreas podem ter um efeito singular no funcionamento, aprendizagem e desenvolvimento da criança” (BRASIL, 2006, p. 11). As pessoas com deficiência múltipla podem apresentar dificuldades de comunicação, exploração motora, baixa motivação e interação, por seus comprometimentos físicos, sensoriais e intelectuais, além de dificuldades para pertencerem a um grupo. A aprendizagem dos que apresentam deficiência múltipla também pode ser afetada e, para tanto, precisamos utilizar estratégias adequadas. Portanto, faremos algumas considerações a respeito do processo de ensino-aprendizagem.



2 ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA E SURDOCEGUEIRA

2.1 Aprendizagem e Mediação

Segundo Vigotsky (1984), as crianças aprendem em todo o tempo, quando interagem com as pessoas, com os objetos, nos contextos em que vivem no dia a dia. Essa aprendizagem, segundo o autor, dá-se de forma incidental.

[...] muito antes da criança ir a uma escola, ela já inicia seu processo de aprendizagem, em seu meio social. A criança obtém as informações pelas interações com o meio, os objetos e as pessoas e suas experiências são cada vez mais significativas. (SOUZA, 2010, p. 43).

As crianças com deficiência múltipla não buscam as informações de forma ativa, por não terem muitas oportunidades de vivenciar experiências significativas. Devido aos seus impedimentos, na maior parte do tempo, recebem as informações de forma distorcidas, fragmentadas e incompletas. Nesses casos, há a necessidade de mediação do meio ambiente, para que possam ter uma aprendizagem ativa e significativa. Somente assim se consegue compreender o seu entorno e interagir com as pessoas e objetos (SOUZA, 2010). As crianças com deficiência múltipla constituem um grupo heterogêneo, por suas características individuais, logo em “termos educativos considera-se fundamental saber como é que ela é como pessoa, como é que aprende, o que quer aprender, o que precisa aprender e o que não quer aprender” (NUNES, 2002, p. 6).

O fato das crianças terem acesso restringido às informações dos contextos em que vivem por limitações sensoriais, físicas ou cognitivas, pode fazer com que experimentem, com frequência, sobressaltos, sem entender o que acontece ao seu redor. Uma boa estratégia é fazer o uso de rotinas e antecipações que darão segurança e serão os primeiros passos para a comunicação. Devemos organizar rotinas previsíveis e consistentes, assim, a criança começa a entender o que ocorre em seu meio e o que ela própria está fazendo. Com essas rotinas, ela passará a ter noções de sequências e de tempo (SERPA, 2003).

2.2 Brincar e Mediação



O ato de brincar e a brincadeira são componentes extremamente importantes para o desenvolvimento geral de uma criança e, em especial, para o desenvolvimento e a aquisição da linguagem. Alguns autores são bem enfáticos ao afirmarem que o adulto é o mediador nesse processo, como Froebel, que orienta para que a mãe e familiares nomeiem objetos, ações e locais, fazendo com que a criança entenda o fenômeno e a sua denominação, além de interagirem com ela durante as atividades de cuidados pessoais e alimentação, nomeando partes do corpo e alimentos (KISHIMOTO, 2007).

As brincadeiras e os jogos interativos são importantes para o desenvolvimento da linguagem de qualquer criança, como o esconde-esconde, que pode ser traduzido como os primeiros diálogos – minha vez, sua vez. Depois, a criança e o adulto começam a utilizar brinquedos ou objetos. Na interação com esses objetos, orienta-se para a sua nomeação e a descrição das ações, exemplo, “jogue a bola”, “role a bola”, “pegue a boneca”. Com isso, há uma evolução significativa na aquisição da linguagem (KISHIMOTO, 2007). Com a criança com deficiência múltipla não é diferente. Aliás, a necessidade de mediação é ainda maior, por suas dificuldades de interação com o meio que a rodeia. O ato de brincar requer exploração e nem sempre essas crianças são capazes de explorar os ambientes e os objetos sozinhas. Logo, a mediação de um adulto ou de outra criança se faz extremamente necessária.

Há a necessidade de organizarmos um ambiente recreativo, levando em consideração o estilo de aprendizagem dessas crianças com deficiência múltipla, oportunidade em que o mediador irá prover experiências que a criança cumpra a ação sozinha, com sucesso, ou que a sua realização seja facilitada, com apoio. Para a organização desses ambientes reativos, o mediador deve observar a criança com deficiência múltipla, seus gostos e preferências e como ela responde aos objetos e às pessoas. Desse ponto de partida, o mediador irá proporcionar-lhes experiências físicas e sensoriais adequadas, de modo singular.

Devemos dar às crianças com deficiência múltipla oportunidades de brincarem com materiais diversos e de poderem explorá-los. Devemos oferecer brinquedos que sejam interessantes sensorialmente. As crianças com deficiência múltipla necessitam entender a função que os objetos têm no mundo real, para que possam realmente brincar de forma imaginativa com os brinquedos oferecidos, como uma boneca, um caminhão ou uma casa de bonecas.



2.3 Tecnologia Assistiva e Recursos Pedagógicos

A Tecnologia Assistida a ser utilizada com pessoas com deficiência múltipla deve ser pensada de forma individualizada, pois dificilmente encontramos duas pessoas com deficiência múltipla com as mesmas necessidades e dificuldades. Segundo Bersh (2008), podemos categorizar a Tecnologia Assistiva em: Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), informática acessível, auxílio para a vida diária, adequação postural, sistema de controle do ambiente, auxílio de mobilidade, modificações arquitetônicas, órteses e próteses, auxílio para pessoas com cegueira ou pessoas com baixa visão, auxílio para surdos e adaptações em veículos automotores.

Daremos ênfase a algumas dessas categorias como instrumentos a serem utilizados no ambiente escolar para facilitar as estratégias de ensino-aprendizagem. A Comunicação Alternativa e Aumentativa é um recurso pedagógico essencial para as pessoas com deficiência, com dificuldade de comunicação oral, pois facilita a sua interação social e aprendizagem. As pranchas de comunicação temáticas podem ser elaboradas pelos profissionais envolvidos na aprendizagem dessas pessoas, inclusive pelos professores, podendo ser temáticas, de acordo com o conteúdo programático que está sendo ensinado em sua sala de aula.

Os equipamentos de informática podem ser adaptados ou modificados para o uso das pessoas com deficiência múltipla, como teclados, *mouses*, acionadores, leitores de tela ou linha Braille. As imagens e textos podem ser ampliados ou adaptados nas telas dos computadores, de acordo com a necessidade visual da pessoa com deficiência múltipla, com deficiência visual associada ou mesmo usarmos telas teclados virtuais, telas *touch*, tablets e *Ipads*, que facilitam para aqueles que têm dificuldades motoras associadas e não conseguem usar o teclado adequadamente.

Quanto aos auxílios para a vida diária, temos que pensar que essas pessoas podem necessitá-los em quantidade e qualidade variáveis, por toda a vida, como banheiras e cadeiras de banho ou brinquedos de parque adaptados. Na escola, utensílios como lápis, pincéis, tubos de cola, giz-de-cera e outros objetos podem precisar de engrossamento, para melhor preensão; tesouras e apontadores podem necessitar de adequação, para uso sistemático.

A adequação postural para crianças, jovens e adultos com deficiência múltipla com deficiência física associada é relevante, pois influencia no seu bem-estar e ajuda a obter melhor desempenho físico e motor. Muitos fazem uso de cadeiras de rodas, que devem ter as adaptações



necessárias para propiciarem conforto. Sendo proporcionadas da melhor forma possível, essas cadeiras devem ter indicação dos profissionais da saúde.

Nas atividades escolares podemos fazer adaptações simples para que as crianças, os jovens e os adultos possam ser retirados das cadeiras e participarem de atividades com os pares. Uma das adaptações mais conhecidas e simples é a “calça da vovó”, que pode ser utilizada com bebês e crianças até a idade do fundamental I, que ainda não cresceram muito. Ela pode ser usada para posicionar as crianças, conjugada com almofadas, bacias, rolinhos e outros equipamentos. Esses são objetos fáceis de fazer ou têm preços módicos para aquisição.

As mesas de apoio diante das cadeiras de roda também são apropriadas para o desenvolvimento de atividades. Nelas podem ser dispostos utensílios, cadernos, folhas, jogos e tudo o que será utilizado. Quando essas crianças apresentam deficiência visual (baixa visão) associada, podemos utilizar os planos inclinados, eles facilitam a visualização das imagens e textos, além de simplificarem o manuseio dos livros e revistas pelas crianças. Podem ser confeccionados com madeira, papelão e outros materiais, de acordo com a necessidade individual do aluno. Os planos inclinados podem ter fundos contrastantes (preto, azul escuro, por exemplo) para atenderem às necessidades de alunos com baixa visão.

Além das cadeiras de roda adaptadas, aos alunos que conseguem se mobilizar, mas com dificuldade por causa da deficiência física/motora ou visual (baixa visão), podemos oferecer as pré-bengalas, que podem ser confeccionadas com tubos de pvc, de acordo com a necessidade individual do estudante. Algumas estratégias podem ser utilizadas para discentes com deficiência múltipla com baixa visão. Eles precisam de luz controlada; alto contraste, usando objetos com cores fortes e fundo contrastante; evitar superfícies com padrões confusos; utilizar livros com figuras com traçados espessos e, se possível, espessar com caneta grossa os desenhos que forem apresentados para eles.

Adaptações de baixa e alta tecnologia podem ser feitas para tornarem o currículo acessível a todos os alunos na sala de aula. Seus custos são variáveis. Sistemas de imagem para comunicação são comumente usados para ajudar os não-leitores a aprenderem. Microfones portáteis, *text-to-speech* e sintetizadores de voz são utilizados para ajudarem os leitores que têm dificuldades e estudantes com deficiência física para completarem as suas tarefas escritas. Nas salas de aula, onde essas adaptações foram feitas para acomodarem um aluno, os professores relatam que vários outros estudantes, não identificados como deficientes se beneficiaram também.



Traremos aqui algumas sugestões de baixa e alta tecnologia que podem ser utilizadas nas salas de aula inclusivas.

2.3.1 Opções de baixa tecnologia em uma sala de aula inclusiva

- a) Utilizar sistemas de imagem de comunicação, etiquetando os móveis e utensílios em torno da sala de aula. Essas imagens em contorno preto e palavra escrita pode ser feita para várias atividades. Livros, jornais e outros materiais didáticos podem ser feitos ou comprados para serem adaptados em classe e para personalizarem a atividade;
- b) Para os alunos com baixa visão, podemos utilizar ampliação da fonte sobre quaisquer materiais. Pode-se usar materiais impressos por impressoras em fonte aumentada ou ampliação por xerox, ou ainda, escrever em letras maiores com canetas grossas;
- c) Usar cola branca para marcar linhas no papel padrão para os alunos que têm dificuldade em escrever sobre ou entre as linhas. A cola seca dá a entrada do aluno com deficiência física e visual, o que irá ajudá-lo a determinar onde escrever. Essa modificação deve ser feita com antecedência para garantir que a cola seque completamente;
- d) Permitir que os estudantes usem calculadoras em jogos ou em situações que necessitem de resultados rápidos em matemática. Isso irá tirar a pressão do aluno com dificuldades de matemática e permitir que ele participe com a classe mais plenamente;
- e) Usar CDs que acompanham os livros que estão sendo usados na sua sala de aula. Textos escolares, na sua maioria, têm o CD de áudio, que pode ser adquirido juntamente com eles. Um aluno com dificuldade de leitura pode ler e ouvir ao longo do texto a ser lido. Isso ajudará o estudante a manter-se com as suas tarefas em sala de aula, embora a leitura seja difícil;
- f) Realizar opções de alta tecnologia em uma sala de aula inclusiva;
- g) Utilizar software de leituras de tela ou sintetizadores de voz para os alunos que têm dificuldade de leitura/escrita. Muitos computadores novos vêm com esses softwares e leem qualquer texto em documentos de processamento de texto ou on-line. Esses softwares devem ser comprado separadamente e também temos vários gratuitos, mas é inestimável para os



alunos que têm deficiências, uma vez que é difícil ou impossível fisicamente digitar ou escrever.

h) Incorporar vídeos nos seus planos de aula. Configurá-los com *closed caption* ativado irá reforçar o que está sendo dito no vídeo. Vídeos são bons para os alunos visuais e auditivos, sendo positivos para pessoas que têm dificuldades com a leitura.

Usar um sistema portátil FM quando se apresenta lições ou se dá instruções a toda a classe ou pequenos grupos. Isso o impede de ter que falar muito alto e preserva a sua voz. Ajuda também os alunos com deficiência auditiva na discussão, simplesmente porque eles podem ouvir tudo o que está sendo dito. Quando se trabalha em grupo, deve-se passar o microfone para o sistema portátil FM em torno do aluno, para que possam ser ouvidos facilmente por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos neste artigo definições de deficiência múltipla e surdocegueira, condições que abrangem nossas pesquisas e experiências profissionais. Também explicitamos dificuldades que crianças, jovens e adultos apresentam no dia a dia para desenvolverem suas habilidades linguísticas, físicas, motoras e como a mediação pode facilitar esses processos de desenvolvimento. Na sequência, explanamos sobre tecnologia assistiva e recursos pedagógicos, como estratégias que podem ser utilizadas para facilitar o desenvolvimento das atividades desses alunos, na sua vida escolar e no cotidiano. Demos ênfase às estratégias e aos recursos pedagógicos que podem ser utilizados por pessoas com deficiência múltipla, com deficiências sensoriais associadas, que consiste na nossa maior experiência profissional. Esperamos com este artigo poder contribuir com os profissionais da educação no desenvolvimento do seu trabalho com esse público específico.

REFERÊNCIAS

- BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. CEDI – Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil. 2008. Disponível em <<http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>>. Acesso em: 4 ago. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla**. Elaborado pela Profa. Ms. Marilda Moraes Garcia Bruno. 4. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 58 p.



KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da Infância**. Dialogando com o Passado. Construindo o Futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NUNES, Clárisse. **Aprendizagem Activa na Criança com Multideficiência**: guia para educadores. Lisboa: Ministério da Educação de Portugal. 2001.

NUNES, Clárisse. (Org.). **Crianças e jovens com multideficiência e surdocegueira**: contributos para o sistema educativo. Lisboa: Ministério da Educação de Portugal – Departamento de Educação Básica, 2002.

NUNES, Clárisse. Os alunos com multideficiência na sala de aula. In: SIM-SIM, I. (Coord.). **Necessidades Educativas Especiais**: Dificuldades da Criança ou da Escola? Lisboa: Texto Editores. 2005. p. 61-70.

SERPA, Ximena. **Manual Para Pais de Surdocegos e Múltiplos Deficientes Sensoriais**. Traduzido por Lilia Giacomini. São Paulo: Liotti Del Arco, 2003.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.